



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade                 | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |  |  |

## **Mulheres e o Prêmio Pritzker: Estudos de Caso**

*Women and the Pritzker Prize: Case Studies*

*Mujeres y el Premio Pritzker: Estudios de Caso*

CASTRO, Paula Donegá de (1)

(1) Mestranda, Universidade Federal Fluminense, UFF, PPGAU, Niterói, RJ, Brasil; email: paula.donega@gmail.com

## Mulheres e o Prêmio Pritzker: Estudos de Caso

*Women and the Pritzker Prize: Case Studies*

*Mujeres y el Premio Pritzker: Estudios de Caso*

### RESUMO

A proposta deste artigo é analisar as trajetórias de quatro mulheres ligadas direta ou indiretamente ao Prêmio Pritzker de Arquitetura (tendo sido premiadas ou colaboradoras / companheiras de premiados), um dos prêmios mais importantes da categoria. As histórias das profissionais abordadas – Denise Scott Brown, Lu Wenyu, Zaha Hadid e Kazuyo Sejima – serão divididas metodologicamente em duas categorias distintas: Casos de Apagamento e Exceções Notáveis. A finalidade não é a de inventariar ou analisar suas produções; o que interessa é a forma como o gênero moldou a trajetória dessas mulheres; como foram tratadas por seus pares, pela mídia, pela opinião pública, e quais as abordagens escolhidas por elas para lidar com essas situações. Estes relatos conhecidos nos dão alguma dimensão das dificuldades que se apresentam em tentar quebrar o paradigma do “gênio solitário” abraçado pela Arquitetura e Urbanismo, principalmente nos casos de parceria entre casais. O artigo também espera ajudar a dissolver a ideia da “arquitetura feminina” como um bloco monolítico, ou como uma prática intrinsecamente diferente da masculina.

**PALAVRAS-CHAVE:** questões de gênero, mulher, Prêmio Pritzker, trajetória profissional

### ABSTRACT

*The purpose of this paper is to analyze the trajectories of four women linked directly or indirectly to the Pritzker Architecture Prize (having been laureates themselves or collaborators / partners of laureates), one of the most important awards in this category. The stories of these professionals – Denise Scott Brown, Lu Wenyu, Kazuyo Sejima and Zaha Hadid – will be methodologically separated into two distinct categories: Erasure Cases and Noteworthy Exceptions. The purpose here is not to inventory or review their body of work; what matters most is how gender shaped the trajectory of these women; how they were treated by their peers, the media, the public opinion, and which approaches were chosen by them to deal with these situations. These reports give us some dimension of the difficulties that arise in trying to break the paradigm of the “lone genius” embraced by the field of Architecture and Urbanism, especially in cases of partnership between married couples. The article also hopes to help dissolve the idea of “feminine architecture” as a homogeneous group, or as intrinsically different from male practice.*

**KEY-WORDS:** gender issues, women, Pritzker Architecture Prize, professional career

### RESUMEN

*El propósito de este trabajo es analizar las trayectorias de cuatro mujeres vinculadas directa o indirectamente con el Premio Pritzker de Arquitectura (habiendo sido ganadoras o colaboradoras / esposas de ganadores), uno de los premios más importantes de la categoría. Las historias de las profesionales abordadas – Denise Scott Brown, Lu Wenyu, Kazuyo Sejima y Zaha Hadid – serán divididas metodológicamente en dos categorías distintas: Casos de Supresión y Excepciones Notables. El propósito no es hacer un inventario o revisar sus producciones; lo que importa es como el género afectó la trayectoria de estas mujeres; la forma que fueron tratadas por sus compañeros de trabajo, los medios de comunicación, la opinión pública, y que abordaje han elegido para hacer frente a estas situaciones. Estos relatos nos dan alguna idea de las dificultades que surgen cuando se intenta romper el paradigma del “genio solitario” abrazada por la arquitectura y el urbanismo, especialmente en los casos de asociación entre parejas. El artículo también espera ayudar a disolver la idea de una “arquitectura femenina” como un bloque monolítico, o como una práctica intrínsecamente diferente de la masculina.*

**PALABRAS-CLAVE:** cuestiones de género, mujer, Premio Pritzker, carrera profesional

## 1 INTRODUÇÃO

As mulheres apresentadas neste artigo relacionam-se direta ou indiretamente com o Prêmio Pritzker de Arquitetura (tendo sido premiadas ou colaboradoras / companheiras de premiados), o mais prestigioso da classe profissional. A escolha deste recorte deu-se majoritariamente pela visibilidade que o Pritzker proporciona a seus laureados em âmbito internacional. Alternativamente, o fato de terem sido todas em algum ponto avaliadas pela mesma instituição (ainda que por diferentes painéis de jurados) nos provém uma linha de evolução (ou permanência) de critérios não oficiais que as habilitam a ascenderem a esse exclusivo círculo de prestígio e influência, como um microcosmo do que acontece em escala muito mais ampla no cotidiano da prática profissional. É nesse contexto que emergem as histórias de Denise Scott Brown (1991), Zaha Hadid (2004), Kazuyo Sejima (2010) e Lu Wenyu (2012)<sup>1</sup>.

Foram estabelecidos dois eixos de comparação: casos de apagamento e exceções notáveis. Separando-as desta forma, facilita-se a observação dos pontos de interseção entre as diferentes narrativas. A finalidade não é a de inventariar ou analisar suas produções – o que nos interessa aqui é a forma como o gênero moldou a trajetória dessas mulheres; como foram tratadas por seus pares, pela mídia, pela opinião pública, e quais as abordagens escolhidas por elas para lidar com essas situações.

## 2 CASOS DE APAGAMENTO

Os casos de apagamento englobam vivências de profissionais que tiveram suas contribuições menosprezadas ou erroneamente atribuídas, mitigando a importância de seu trabalho. Nos exemplos aqui listados, essas mulheres têm exercido a profissão de forma cooperativa com seus maridos: encontram-se nesta categoria as histórias de Denise Scott Brown e Lu Wenyu.

### DENISE SCOTT BROWN

A mais autoconsciente das profissionais abordadas; seu caso se destaca na história da Arquitetura e do Urbanismo recente. Nascida Denise Lakofski<sup>2</sup> em 1931 na Zâmbia e criada na África do Sul, ali permaneceu até os primeiros anos de sua graduação, finalizada na Inglaterra. Após mudar-se para os Estados Unidos (onde adquiriu os títulos de Mestre em Urbanismo e posteriormente, em Arquitetura), conheceu seu atual marido, Robert Venturi, em 1960 – que se tornaria também seu sócio na hoje *Venturi, Scott Brown and Associates* (VSBA) em 1969.

Scott Brown presidiu a VSBA por muitos anos, mas isso não a impediu de sentir os efeitos do sexismo, acentuado pelo fato de trabalhar com o próprio marido. Movida pelas experiências desagradáveis a que tinha sido submetida até então, redigiu o desabafo em forma de artigo intitulado *Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture*, que não foi publicado à época de sua redação (1975), mas paulatinamente ganhou notoriedade até chegar oficialmente aos leitores em 1989:

A maioria das mulheres profissionais podem contar “histórias de horror” sobre as discriminações que sofreram durante suas carreiras. [...] Mas algumas formas menos comuns de discriminação vieram a mim quando, no meio de minha carreira, casei com um colega e nós juntamos nossas vidas profissionais no momento em que a fama [...] o acometeu. Observei enquanto ele era transformado em um guru

---

<sup>1</sup> As datas apresentadas em parênteses referem-se ao ano das premiações do Pritzker a que estão vinculadas, seja delas mesmas (Hadid, Sejima) ou de seus companheiros (Scott Brown, Lu).

<sup>2</sup> Seu primeiro marido, o também arquiteto Robert Scott Brown, faleceu em 1959.

arquitetônico [...], baseado em nosso trabalho conjunto e no trabalho de nossa empresa. (SCOTT BROWN, 1989, p:237. Trad. da autora)

No texto, discorre sobre situações que lhe aconteciam diariamente – jantares separados apenas para as esposas dos arquitetos, aos quais não podia se juntar; eventos de onde era barrada simplesmente por conta de seu gênero; reuniões de trabalho onde “a esposa do arquiteto” não era bem-vinda; jornalistas ignorando sua presença em entrevistas. Além disso, faz uma forte crítica ao “*star system*” da arquitetura – sistema onde poucos escolhidos são elevados ao patamar de gênios solitários – que, em sua opinião, “entende o escritório como uma pirâmide com um *designer* no topo” e que “tem pouco a ver com as relações complexas que existem hoje na arquitetura e na construção” (SCOTT BROWN, 1989, p:240. Trad. da autora).

Scott Brown afirmou que o escreveu porque estava com raiva, mas isto coincidiu com o aumento no volume de críticas à sua postura ofensiva, cuja fama vinha crescendo entre colegas e clientes. Desta forma, decidiu que era melhor não publicá-lo no momento, de modo a não atrapalhar os negócios do escritório e, conseqüentemente, sua carreira (MIRANDA, 2013a). De acordo com ela, Venturi simpatizava com seu sofrimento, mas minimizava a importância do assunto: “meu marido” recorda-se, “sempre dizia que tínhamos muitas outras batalhas para lutar” (CAPUZZO, 1992. Trad. da autora).

Em 1991, mais uma vez Scott Brown viu-se mais uma vez no lugar de “a esposa do arquiteto”: Venturi foi selecionado para ser agraciado com o Prêmio Pritzker individualmente, apesar da notória colaboração de mais de 20 anos do casal. Apesar de as regras na época<sup>3</sup> estabelecerem que somente uma pessoa pudesse ser premiada por vez, Scott Brown sentiu-se ofendida com mais esta demonstração de desdém ao seu trabalho e recusou-se a participar da cerimônia, em protesto (SPERBER, 2013). Todavia, em seu discurso de aceitação, Venturi dedicou um trecho à esposa, onde lembrou que, sem ela “[sua] experiência [...] teria sido metade menos rica” (VENTURI, 1991. Trad. da autora). Após a cerimônia, adicionou: “é simplesmente injusto. A única satisfação real que conseguimos é o reconhecimento, ser apreciado por outras pessoas” (CAPUZZO, 1992. Trad. da autora).

Os comentários sobre o episódio ganharam novo fôlego recentemente – ao final de março de 2013, em entrevista concedida ao *Architect’s Journal* e veiculada em um evento da premiação *Women in Architecture*<sup>4</sup>, Scott Brown declarou seu desejo de reconhecimento no prêmio recebido por Venturi: “não me devem um Prêmio Pritzker, mas uma cerimônia de inclusão” (WAITE, 2013. Trad. da autora).

Motivadas por esta declaração, as alunas de graduação em arquitetura Caroline James e Arielle Assouline-Lichten, sob o nome do coletivo *Women In Design (WiD)*<sup>5</sup>, lançaram em maio de 2013 uma petição *online* pleiteando o reconhecimento e a inclusão de Scott Brown no Pritzker obtido por Venturi. Esta iniciativa, que atualmente já ultrapassou as 19.000 adesões, tornou-se surpreendentemente popular e ganhou chamadas em diversos portais de notícias, provocando acaloradas discussões; não só sobre a necessidade de retificar a decisão do júri de 1991, mas também sobre a relevância atual do Prêmio Pritzker e do sistema do que se convencionou

<sup>3</sup> Alteradas em 2001, na ocasião da premiação da dupla Jacques Herzog & Pierre de Meuron – uma parceria entre dois homens, deve-se frisar.

<sup>4</sup> Premiação realizada anualmente pela publicação *Architect’s Journal*.

<sup>5</sup> Coletivo formado por estudantes da *Harvard Graduate School of Design*, que visa aumentar a visibilidade das profissionais de projeto.

chamar “*starchitects*”: arquitetos-celebridade<sup>6</sup>, ídolos quase maiores do que suas próprias criações. Dentro do grupo de elite no qual os signatários esperam que Scott Brown seja incluída, Zaha Hadid foi a primeira a demonstrar apoio. De acordo com o coletivo WiD, já são nove vencedores do Pritzker a solidarizarem-se por meio do abaixo-assinado virtual.

Depois de meses sem nenhum tipo de pronunciamento, em junho de 2013 foi divulgada uma carta escrita por Lord Peter Palumbo, o Presidente do Júri de 2013 do Prêmio Pritzker, em nome do conselho de jurados:

Caras Arielle Assouline-Lichten e Caroline James,

[...] Enquanto vocês têm em mente uma concessão retroativa do prêmio a Sra. Scott Brown, o presente júri não pode fazê-lo. [...] Um júri seguinte não pode reabrir ou reavaliar o trabalho de um júri anterior, e nenhum jamais fez isso.

Deixe-nos assegurá-las, entretanto, que a Sra. Scott Brown permanece elegível para o Prêmio Pritzker. Esse prêmio é dado com base na obra construída total de um arquiteto. A Sra. Scott Brown tem uma longa e distinta carreira de realizações arquitetônicas. [...]

Dito isto, gostaríamos de agradecê-las por chamar nossa atenção diretamente para um problema mais geral, ou seja, de garantir às mulheres um lugar justo e igualitário dentro da profissão. [...] Acreditamos que um papel particular que o Júri do Pritzker deve cumprir é a de manter em mente o fato de que certas recomendações ou discussões relativas à criação arquitetônica são muitas vezes um reflexo de determinadas épocas ou lugares, o que pode refletir preconceitos culturais que subestimam o papel da mulher no processo criativo. [...]

Seus contatos nos lembram desta obrigação, e os estimamos. Entretanto, como nos pedem a reabertura de um processo decisório realizado por um júri anterior, não podemos fazê-lo. (PALUMBO, 2013. Trad. da autora)

A declaração oficial, apesar do tom conciliador, não altera em nada a situação atual. Admite que não existe equidade na profissão (e por consequência, no Prêmio) e que às vezes as decisões dos membros do júri podem ter um viés sexista que deve ser combatido, mas nega-se a corrigir um erro histórico que poderia refletir positivamente no quadro em que se dizem preocupados em mudar. Ao mesmo tempo, parece ignorar totalmente o real desejo de Scott Brown ao sugerir que ela continua elegível para uma premiação futura; ela, assim como as pessoas que assinaram a petição, entende que seu trabalho não está em discussão, tendo sido premiado há décadas.

Assouline-Lichten declarou-se desapontada por entender que a possibilidade de um diálogo, por enquanto, é inexistente, e que isso era o mínimo que esperavam conseguir com a iniciativa. Também considera que falharam ao tentar estabelecer uma discussão pública sobre os critérios de avaliação desses tipos de premiação (MIRANDA, 2013c). É provável, porém, que ela esteja equivocada e que esta petição tenha se tornado algo muito maior do que o previsto – afinal, pessoas continuam a assiná-la, a despeito da resposta dada pelo júri. A própria Scott Brown, pouco antes do pronunciamento de Palumbo, afirmou que o desejo dela era de inclusão, e que a petição e a cobertura midiática que se seguiu, em sua opinião, lhe deram exatamente isso (MIRANDA, 2013b).

Além disso, houve pelo menos um resultado prático advindo da iniciativa: no rastro dos debates que se seguiram nos Estados Unidos, o *American Institute of Architects* (AIA) resolveu alterar suas regras para permitir que mais de uma pessoa possa ser contemplada com a honra

---

<sup>6</sup> E aqui o uso do gênero masculino é intencional: praticamente não há arquitetas-celebridade, Zaha Hadid sendo a exceção.

mais alta da instituição, o AIA *Golden Medal*. Scott Brown e Venturi tiveram suas candidaturas conjuntas negadas quatro vezes para este prêmio (KATS, 2013).

## LU WENYU

Aversa à imprensa, Lu Wenyu é uma arquiteta chinesa nascida em 1966 e empurrada discretamente em direção aos holofotes em 2012, quando seu marido – Wang Shu – foi escolhido para ser o laureado do Prêmio Pritzker.

Na trilha da controversa decisão do caso anterior, e ao contrário do que a carta de Palumbo afirma, o júri não parece ter se preocupado muito com representação igualitária naquele ano – tal qual Venturi, Wang também tem como companheira de trabalho sua esposa, com quem fundou o escritório *Amateur Architecture Studio* em 1997.

Em diferentes ocasiões, ambos expressaram-se sobre o caráter colaborativo de seu trabalho: de acordo com Wang, “sem mim, não há *design*. Sem ela, não é possível tornar-se realidade” (LIFSON, 2012. Trad. da autora).

Reconhecer apenas o trabalho de Wang, aparentemente, é uma prerrogativa do Pritzker; dois anos antes, em 2010, o casal já havia sido contemplado<sup>7</sup> por uma premiação alemã bianual, o Prêmio Schelling de Arquitetura. Confrontado com os exemplos aqui apresentados, alguém pensaria que não é política do Pritzker premiar colaborações, sendo necessário, dentro de um trabalho em conjunto, escolher um representante. Não é mais o caso há mais de 10 anos; a mesma instituição já escolheu premiar o trabalho cooperativo em duas ocasiões anteriores: Jacques Herzog e Pierre de Meuron, em 2001; Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, em 2010.

Obviamente, as similaridades entre as premiações de 1991 e 2012 não passaram despercebidas e Wang foi questionado em diversas entrevistas sobre sua posição em relação ao caso. Em uma delas, afirmou: “Não é certo. [...] Deviam dar o prêmio a nós, e não a mim.” (ibid. Trad. da autora) Paralelamente, também demonstrou seu apoio à petição iniciada pelo WiD – na página do coletivo, é atribuída a ele a mensagem “O Presidente Mao disse uma vez: as mulheres podem sustentar metade do céu. Isto é apropriado para descrever a situação dos arquitetos contemporâneos” (DESIGN, s/data. Trad. da autora).<sup>8</sup>

Considerando que Palumbo já era Presidente do Júri nesta ocasião, sendo responsável por coordenar a “não-premiação” de Lu Wenyu, seria interessante ouvir sua opinião sobre o assunto – se a desculpa para não rever o apagamento de Scott Brown é não interferir com a deliberação de um júri anterior, não deveria haver impedimentos para retificar as próprias decisões.

Entretanto, é possível ele nunca seja intimado a dar uma explicação. No que afirmou ser a sua primeira entrevista<sup>9</sup>, Lu comenta que não tem interesse no prêmio, apesar de seu marido não achar justo e ter insistido em compartilhá-lo – o que faz sentido, considerando seu posicionamento público em relação ao caso Scott Brown. Para ela, a perda de privacidade é uma consequência com a qual não está preparada para lidar, apesar de entender que esta pode

---

<sup>7</sup> Sendo citados ambos os nomes, assim como o de seu escritório.

<sup>8</sup> Em páginas de petição online os signatários são encorajados a, além da assinatura, deixarem também uma pequena mensagem ou justificativa sobre a importância da causa em questão. A declaração de Wang foi retirada da seção de comentários da petição “*The Pritzker Architecture Prize Committee: Recognize Denise Scott Brown for her work in Robert Venturi's 1991 Prize*”.

<sup>9</sup> Sozinha, pois já concedeu algumas junto a Wang Shu.

não ser uma decisão popular entre as colegas de profissão.

Quanto a ter aceitado dividir o Prêmio Schelling, diz que o fez por saber que não teria efeito em sua vida prática. Em tom conclusivo, afirmou: “[...] devo ser justa com o que acredito. [...] não quero ser famosa. E se estou equivocada, sei que o erro é efeito secundário de tomar decisões” (ZABALBEASCOA, 2013b. Trad. da autora).

### 3 EXCEÇÕES NOTÁVEIS

As exceções notáveis contemplam casos de profissionais excepcionais que superaram os paradigmas sexistas da profissão e se destacaram, mesmo associadas a parceiros do gênero masculino. Cada uma delas, porém, aborda a situação de forma diversa. Deste lado do espectro, serão apresentados os casos de Zaha Hadid e Kazuyo Sejima.

#### ZAHA HADID

Primeira mulher a ganhar um Prêmio Pritzker (e a única a ganhá-lo individualmente), Zaha Hadid – nascida no Iraque em 1950 e naturalizada inglesa em 1989 – é um dos nomes mais famosos da arquitetura mundial na segunda década do século XXI.

Teve uma educação internacional: frequentou colégios internos na Inglaterra e na Suíça; entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970, cursou faculdade de matemática no Líbano. Em 1972, muda-se definitivamente para a capital inglesa para estudar arquitetura na AA<sup>10</sup>, e ali se estabelece permanentemente.

Após concluir sua graduação em arquitetura em 1977, Hadid é convidada a continuar na AA como professora. A partir de 1979, começa a conciliar a docência com a prática arquitetônica e em 1982 ganha sua primeira competição: *The Peak Leisure Club*, um clube em Hong Kong – que jamais foi construído. Entretanto, esta vitória garantiu a ela projeção internacional e propiciou o início de sua parceria profissional com o ainda estudante Patrik Schumacher, que já dura mais de 20 anos.

O ano de 1994 marcou o início do ponto mais baixo de sua carreira; após ganhar o concurso para o *Cardiff Bay Opera House*, na capital do País de Gales, seu projeto foi rejeitado e outro concurso foi realizado. Ela venceu novamente, e mais uma vez patrocinadores e políticos locais se opuseram, afirmando que o edifício era “impossível de construir”, ou que lembrava demais outras construções árabes. Na opinião do crítico de arquitetura Hugh Pearman, porém, o projeto foi negado por uma combinação de sexismo, xenofobia e bairrismo: aceitar uma arquiteta iraquiana, baseada em Londres teria sido demais para os envolvidos (informação verbal<sup>11</sup>). Depois deste episódio, a situação no escritório tornou-se difícil.

A mudança veio em 1998, ao ganhar o concurso para o museu MAXXI, na Itália. A partir da vitória alcançada neste momento seguiram-se outras, consolidando sua reputação e iniciando uma escalada que lhe asseguraria o Prêmio Pritzker em 2004. Hoje, com um escritório que emprega centenas de funcionários e projetos realizados em três continentes, além de inúmeras parcerias no campo do *design*, tão famosa quanto seus edifícios extravagantes são sua personalidade e temperamento. “Tirana”, “arrogante”, “dramática”, “exibida”, “explosiva”, “diva”; esses são alguns dos adjetivos mais comumente utilizados para criticá-la. Hadid devolve

---

<sup>10</sup> *Architectural Associates*.

<sup>11</sup> Depoimento realizado por Hugh Pearman em ZAHA, 2013.

estas críticas com uma acusação; “o que é uma diva? Se eu fosse um homem, me chamariam de diva? Quero dizer, não chamariam” (HATTENSTONE, 2003. Trad. da autora).

Ainda sobre o sexismo que enfrentou e enfrenta na profissão, Hadid critica o que chama de “clube de rapazes”, listando situações não muito diferentes daquelas citadas por Scott Brown, que iniciou a carreira quase 20 anos antes, em outro continente: “[...] estou isolada desse mundo – eles vão pescar, jogar golfe, saem para tomar um drinque. E como mulher, você é excluída dessa formação de relacionamento. É uma grande diferença” (MCKENZIE, 2013. Trad. da autora).

Mesmo em vista de sua importância incontestável, há quem acredite que por não ter vivenciado a maternidade e ser solteira, Hadid não seja adequada como modelo para jovens arquitetas. No entanto, é inegável que muitas se voltam para ela por sua trajetória excepcional, que tem consciência de seu atual *status*: “não gostava de ser chamada de mulher arquiteto<sup>12</sup> [...]. Mas eu vejo o incrível tamanho da necessidade de outras mulheres de serem asseguradas de que pode ser feito, então [hoje] não me importo nem um pouco” (ANDERSON, 2012. Trad. da autora).

Sobre o tema “parceria”, Hadid é da opinião que “arquitetura, ao contrário das outras, não é uma profissão solitária. Você precisa de uma equipe; a estrutura da equipe é muito importante, e trabalho em grupo é muito importante, porque todos trazem algo diferente para a mesa” (ZAHA, 2010. Trad. da autora). Sustentando esta declaração, em seu discurso de aceitação do Prêmio Pritzker agradeceu nominalmente nada menos do que dezenove pessoas, um número surpreendente para alguém considerada tão egocêntrica. Algumas pessoas, a exemplo dos casos de Scott Brown e Lu, já analisados, se perguntam se Schumacher devia ter sido incluído no prêmio, devido a sua longa parceria com Hadid. Infelizmente, porém, não foram encontradas referências à opinião da própria sobre este tema específico.

### **KAZUYO SEJIMA**

Finalizando o grupo de análises, falaremos da figura singular de Kazuyo Sejima; nascida no Japão em 1956, forma-se mestra em arquitetura em 1981 em uma universidade exclusiva para mulheres. Imediatamente após concluir os estudos começa a trabalhar para a *Toyo Ito & Associates*, onde conheceria seu futuro sócio, Ryue Nishizawa, ainda um estudante na época. Em 1987 funda a *Kazuyo Sejima & Associates*, levando Nishizawa com ela três anos depois. No ano de 1995, é criada a *Sejima And Nishizawa And Associates* (SANAA). Este se torna o escritório principal, sendo responsável por projetos ao redor do mundo; paralelamente, são mantidos os escritórios individuais<sup>13</sup> de ambos, para projetos menores de arquitetura e *design* (SEJIMA; NISHIZAWA, 2010).

Argumenta-se que a formação do nome do escritório, com ênfase idêntica nos nomes dos participantes e nas conjunções, seja uma metáfora para a crença no trabalho colaborativo. Isto pode ser corroborado principalmente pela postura de Sejima; ela esforça-se constantemente para que o sócio não seja negligenciado pela imprensa, clientes e em oportunidades de trabalho em geral. Prática que se reflete também no ambiente de trabalho: os três escritórios ocupam o mesmo endereço. Sejima, apesar de discreta, é geralmente descrita como sendo

---

<sup>12</sup> Em inglês, língua na qual Zaha Hadid deu a entrevista, “architect” (arquiteto) é um termo neutro sem marcação de gênero. O que ela quer dizer nesta passagem é que não gostava que seu gênero fosse evidenciado ao falar sobre seu trabalho.

<sup>13</sup> Office of Ryue Nishizawa foi criado em 1997.





muito carismática, intuitiva, despretensiosa e de personalidade envolvente, com tendência a dominar as atenções de seus interlocutores. Nishizawa é o mais lógico e introspectivo da sociedade, em uma relação mutualmente benéfica: de acordo com o também arquiteto japonês Jun Aoki, “a combinação deles é muito boa, porque Sejima é uma ótima jogadora, e Ryue é um ótimo técnico” (LUBOW, 2005. Trad. da autora).

Desta forma, a dupla se tornou em 2010 a segunda na história do Pritzker a dividir o prêmio; originalmente, porém, ele teria sido oferecido individualmente à Sejima. Juhani Pallasmaa, um dos jurados, afirma que a inclusão do sócio foi exigência dela, e defende que as pessoas indicadas devem ter a liberdade para fazê-lo se assim desejarem (ZABALBEASCOA, 2013a). Da mesma forma, ao ser escolhida para dirigir a seção de Arquitetura na edição de 2010 da Bienal de Veneza<sup>14</sup>, Sejima solicitou que Nishizawa fosse seu codiretor; diante da impossibilidade, o nomeou como um de seus assessores (LUBOW, 2010).

Esta se apresenta, então, como uma narrativa incomum: uma mulher que se destaca individualmente, mesmo que grande parte do seu trabalho tenha sido realizada em parceria com um homem. É interessante notar que, ao contrário do que acontece em outras histórias apresentadas, suas tentativas de nivelamento com seu contraparte (ainda que mais inexperiente) sejam, em geral, atendidas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira dupla de trajetórias aqui apresentadas, o mais marcante é a posição que as profissionais adotam em relação à parceria estabelecida com seus maridos. Ambas julgam serem as contribuições do casal como indissociáveis, mas cada uma possui uma postura diferente sobre o assunto.

Scott Brown, mesmo aos mais de 80 anos ainda luta por igual reconhecimento e continua fazendo barulho com suas declarações, instigando debates e inspirando novas gerações de profissionais de arquitetura e urbanismo a alterar o *status quo*. Wenyu, de personalidade mais reservada, apesar de ter um marido sensível ao conceito de equidade, escolhe o relativo anonimato por rejeitar as possíveis implicações da fama resultante do reconhecimento internacional de um prêmio importante.

Na segunda dupla foram vistos casos onde, mesmo associadas a profissionais do gênero masculino, as mulheres se sobressaem. Em comum, elas têm o fato de terem estabelecido sociedade com antigos estagiários que as auxiliaram no início da carreira, mas apresentam personalidades que poderiam ser definidas como opostas; isto afeta tanto o jeito como lidam com a parceria quanto como são retratadas pela imprensa.

Schumacher, apesar de estar presente em muito dos eventos e palestras para os quais Hadid é convidada, dando entrevistas e respondendo perguntas, não é propagandeado como “igual” – os projetos continuam levando a grife “Zaha Hadid” – ela é a estrela e é brutalmente criticada por isso. Sejima, por outro lado, recusa essa responsabilidade para si, escolhendo produzir no *Kazuyo Sejima & Associates* apenas projetos de pouca repercussão. Ainda que críticos de arquitetura identifiquem fortes traços do trabalho solo dela nas propostas do SANAA, as

---

<sup>14</sup> Exibição de arte que acontece bianualmente em Veneza, Itália, desde 1895. Atualmente abriga mostras internacionais de arte, arquitetura, cinema, dança, música e teatro. A primeira Mostra Internacional de Arquitetura foi realizada em 1980; Kazuyo Sejima foi a primeira mulher convidada para dirigi-la.

formas preferidas de atribuição da dupla não são questionadas como as do VSBA sempre foram. Também não foi identificada a mesma resistência em aceitar o papel de Nishizawa na equipe quanto a que existe para aceitar as contribuições de Lu no trabalho de Wang.

Estes relatos conhecidos nos dão a dimensão das dificuldades que se apresentam em se quebrar o paradigma do “gênio solitário” abraçado pela arquitetura e urbanismo, principalmente nos casos de parceria entre casais; cuja prática aparentemente remonta à inserção feminina na profissão. Espera-se também que ajude a dissolver a ideia da “arquitetura feminina” como um bloco monolítico, ou como uma prática intrinsecamente diferente da masculina, apenas pelo viés de gênero. Cada profissional traz suas vivências, cultura, contexto histórico da época em que viveu; resultando em trajetórias e interesses absolutamente diversos, onde o gênero afeta enormemente, mas não pode ser entendido como fator exclusivo.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Becky. At last, it's Zaha Hadid's time to shine. *CNN*, Londres, 08 de ago. 2012. Business. Disponível em: <edition.cnn.com/2013/11/01/sport/zaha-hadid-architect-profile-superyacht/>. Acesso em: 10/01/2014.
- BUCK, David N. Adjusting the Boundaries of Architecture. In: \_\_\_\_\_. *Responding to Chaos: Tradition, Technology, Society and Order in Japanese Design*. Londres, Taylor & Francis, pp.100-109, 2001.
- CAPUZZO, Mike. Plight Of The Designing Woman: The “Scott Brown” Half Of The Award-winning Architectural Firm Of Venture Scott Brown Just Wants Credit Where Credit Is Due. *The Inquirer*, Filadélfia, 10 de dez. 1992. Disponível em: <articles.philly.com/1992-12-10/living/25993915\_1\_venturi-scott-brown-robert-venturi-dankmar-adler>. Acesso em: 01/02/2013.
- CHANGE.ORG. *The Pritzker Architecture Prize Committee: Recognize Denise Scott Brown for her work in Robert Venturi's 1991 Prize*. Disponível em: <www.change.org/petitions/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize>. Acessos em: nov. 2013 – jan. 2014.
- DESIGN For Equality. Site do coletivo Design For Equality, ramificação do coletivo Women In Design. Disponível em: <designforequality.org>. Acessos em: dez. 2013 – jan. 2014.
- HADID, Zaha. *Zaha Hadid Acceptance Speech*. 2004. Disponível em: <www.pritzkerprize.com/2004/ceremony\_speech1>. Acesso em: 14/01/2014.
- HATTENSTONE, Simon. Master builder. *The Guardian*, Londres, 03 de fev. 2003. Culture. Art and design. Architecture. Disponível em: <www.theguardian.com/artanddesign/2003/feb/03/architecture.artsfeatures>. Acesso em: 13/01/2014.
- KATS, Anna. Denise Scott Brown, Role Models, and the End of Pritzker Prestige. *BLOUIN ARTINFO*, Nova Iorque, 19 de jul. 2013. Disponível em: <www.blouinartinfo.com/news/story/928915/denise-scott-brown-role-models-and-the-end-of-pritzker>. Acesso em: 04/01/2014.
- LIFSON, Edward. Chinese Architect Wang Shu Wins The Pritzker Prize. *National Public Radio*, Washington, 27 de fev. 2012. Arts & Life. Art & Design. Architecture. Disponível em: <www.npr.org/2012/02/27/147507905/chinese-architect-wang-shu-wins-the-pritzker-prize>. Acesso em: 01/01/2014.
- LUBOW, Arthur. Disappearing Act. *The New York Times*, Nova Iorque, 09 de out. 2005. Style. The New York Times Style Magazine. Disponível em: <www.nytimes.com/2005/10/09/style/tmagazine/sanaa.html?pagewanted=all&\_r=0>. Acesso em: 19/01/2014.
- \_\_\_\_\_. Kazuyo Sejima: The Closet Starchitect. *W Magazine*, Nova Iorque, set. 2010. Culture. Art & Design. Disponível em: <www.wmagazine.com/culture/art-and-design/2010/09/kazuyo\_sejima/>. Acesso em: 13/01/2014.
- MCKENZIE, Sheena. Zaha Hadid: 'Would they still call me a diva if I was a man?' *CNN*, Londres, 26 de nov. 2013. World Sport. Disponível em: <edition.cnn.com/2013/11/01/sport/zaha-hadid-architect-profile-superyacht/>. Acesso em: 10/01/2014.



- MIRANDA, Carolina A. Denise Scott Brown. *Architect*, Washington, 05 de abr. 2013a. Design. Q&A. Disponível em: <[www.architectmagazine.com/design/denise-scott-brown-interview.aspx](http://www.architectmagazine.com/design/denise-scott-brown-interview.aspx)>. Acesso em: 21/12/2013.
- \_\_\_\_\_. One Standing Ovation, One Outstanding Question. *Architect*, Washington, 30 de maio 2013b. Awards. Disponível em: <[www.architectmagazine.com/awards/pritzker-prize-jurors-decline-to-discuss-denise-scott-brown-at-ceremony.aspx?dfpzone=projects](http://www.architectmagazine.com/awards/pritzker-prize-jurors-decline-to-discuss-denise-scott-brown-at-ceremony.aspx?dfpzone=projects)>. Acesso em: 04/01/2014.
- \_\_\_\_\_. Pritzker Architecture Prize Comittee Denies Honors for Denise Scott Brown. *Architect*, Washington, 14 de jun. 2013c. Design. News. Disponível em: <[www.architectmagazine.com/design/pritzker-architecture-prize-committee-refuses-to-honor-denise-scott-brown.aspx](http://www.architectmagazine.com/design/pritzker-architecture-prize-committee-refuses-to-honor-denise-scott-brown.aspx)>. Acesso em: 21/12/2013.
- PALUMBO, Lord Peter. *A Letter from the Chair of the 2013 Jury of The Pritzker Architecture Prize on Behalf of The Jury*. 14 de jun. 2013. Disponível em: <[archrecord.construction.com/news/2013/06/Pritzker-Letter.pdf](http://archrecord.construction.com/news/2013/06/Pritzker-Letter.pdf)>. Acesso em: 24/12/2013.
- SCOTT BROWN, Denise. Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture. In: BERKELEY, Ellen Perry (ed.). *Architecture: A Place for Women*. Washington, Smithsonian Institution Press, pp:237-246, 1989.
- SEJIMA, Kazuyo; NISHIZAWA, Ryue. *Kazuyo Sejima & Ryue Nishizawa Acceptance Speech*. 2010. Disponível em: <[www.pritzkerprize.com/2010/ceremony\\_speech1](http://www.pritzkerprize.com/2010/ceremony_speech1)>. Acesso em: 18/01/2014.
- VENTURI, Robert. *Robert Venturi Acceptance Speech*. 1991. Disponível em: <[www.pritzkerprize.com/1991/ceremony\\_speech1](http://www.pritzkerprize.com/1991/ceremony_speech1)>. Acesso em: 04/01/2014.
- WAITE, Richard. Call for Denise Scott Brown to be given Pritzker recognition. *Architects Journal*, Londres, 21 de mar. 2013. News. Daily News. Disponível em: <[www.architectsjournal.co.uk/news/daily-news/call-for-denise-scott-brown-to-be-given-pritzker-recognition/8644576.article](http://www.architectsjournal.co.uk/news/daily-news/call-for-denise-scott-brown-to-be-given-pritzker-recognition/8644576.article)>. Acesso em: 04/01/2013.
- ZABALBEASCOA, Anaxu. Un Pritzker contra el machismo. *El País*, Madrid, 25 de abr. 2013a. Cultura. Disponível em: <[cultura.elpais.com/cultura/2013/04/24/actualidad/1366823468\\_552339.html?rel=rosEP](http://cultura.elpais.com/cultura/2013/04/24/actualidad/1366823468_552339.html?rel=rosEP)>. Acesso em: 10/01/2014.
- \_\_\_\_\_. La arquitecta que renunció al Pritzker para evitar la fama. *El País*, Segóvia, 01 de out. 2013b. Cultura. Tendencias. Disponível em: <[cultura.elpais.com/cultura/2013/09/30/actualidad/1380569553\\_963993.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2013/09/30/actualidad/1380569553_963993.html)>. Acesso em: 08/01/2014.
- ZAHA Hadid Talking About Challenges of Architecture. JO Magazine, Amã, 2010. 7 min, color. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=QcdvMm6c-fU#t=37](http://www.youtube.com/watch?v=QcdvMm6c-fU#t=37)>. Acesso em: 11/01/2014.
- ZAHA Hadid: Who Dares Wins. Direção: Roger Parsons. BBC Television, Reino Unido, 2013. 75 min, color.